

M. TERESA ROCHA
L. MIRA DELGADO

«SENOTAINIA TRICUSPIS» EM PORTUGAL

LISBOA

1986

«SENOTAINIA TRICUSPIS» EM PORTUGAL

M. TERESA ROCHA
L. MIRA DELGADO

SUMÁRIO

Os autores referem, pela primeira vez, a presença da Senotainiose das abelhas em Portugal, salientando o aumento da incidência nos últimos dois anos.

RÉSUMÉ

Les auteurs referent pour la première fois la presence de la Senotainiose des abeilles au Portugal, en soulignant l'augment de l'incidence dans les deux dernières annés.

SUMMARY

The authors refer, for the first time, the presence of Senotainiosis of the bees in Portugal, with a special remark to the rising incidence in the past two years.

«SENOTAINIA TRICUSPIS» EM PORTUGAL

M. TERESA ROCHA *

L. MIRA DELGADO **

Pelo facto de desconhecermos qualquer referência no nosso País sobre a senotainiose, achámos que teria interesse assinalar esta doença das abelhas («*Apis mellifera*» LINNAEUS), cujo diagnóstico foi efectuado pela primeira vez no LNIV em Janeiro de 1982, ficando registado com o número de análise 4854-Ap. Foi nosso objectivo dar a conhecer a frequência de casos positivos, salientando um aumento da incidência ocorrido este ano, nomeadamente na zona de Portalegre.

O agente causal desta enfermidade (api-míase) é um endoparasita designado por «*Senotainia tricuspis*» Meigen, o qual pertence à classe Insecta, ordem Díptera e à família Sarcophagidae.

No estado de insecto perfeito, o parasita, medindo 5 a 7 mm, assemelha-se a uma mosca doméstica, mas o abdómen é acinzentado com algumas manchas pretas triangulares e a cabeça apresenta entre os olhos uma faixa branca amarelada. É um insecto larvíparo que ataca as abelhas, em geral no Verão, em dias soalheiros e mais frequentemente nas horas em que o sol atinge a colmeia. A «*Senotainia tricuspis*» adulta costuma voar sobre o tecto da colmeia, mantendo-se normalmente sobre o seu bordo anterior e também junto à tábua de voo. Quando uma abelha inicia o voo, o díptero atinge-a rapidamente, depositando uma ou duas larvas nas membranas intersegmentares, entre a cabeça e o tórax. Uma

fêmea pode conter 700 a 800 larvas e os ataques podem repetir-se com intervalos de 6 a 10 segundos.

Após a postura, as larvas penetram nos músculos torácicos da abelha e sofrem imediatamente uma primeira muda; neste segundo estágio medem cerca de 2 mm de comprimento. As larvas mantêm-se neste estágio enquanto a abelha vive, permanecendo nos músculos, aparentemente sem os lesionar, alimentando-se apenas de hemolinfa.

Quando a abelha morre, as larvas começam a alimentar-se dos tecidos sólidos, as dimensões já são maiores (atingindo cerca de 3 mm) e passam ao terceiro estágio.

Depois de terem consumido os músculos do tórax, podem passar directamente para o abdómen, mas, mais frequentemente, saem para o exterior, perfurando a membrana entre a cabeça e o tórax, provocando o desprendimento e queda da cabeça (ver foto). Por vezes podem reentrar no abdómen e consumir todo o seu conteúdo, saindo, então definitivamente, através de uma das membranas intersegmentares ventrais. Nesta fase zoonecrofágica surge uma pigmentação acastanhada do tubo digestivo, visível através da pele, e o crescimento larvar é rápido: 24 horas após a morte da abelha as larvas já têm, em média, 4 mm e ao fim de 3 dias, quando começam a sair do hospedeiro, medem cerca de 5 a 6 mm.

Se outra abelha morta se encontrar próxima, a larva pode ainda penetrá-la (no tórax ou, mais raramente, no abdómen), continuando a desenvolver-se até atingir os 8 a 9 mm de comprimento.

* Médica Veterinária do LNIV.

** Assistente de Investigação do LNIV.

O desenvolvimento larvar, após a morte do hospedeiro, oscila entre 6 a 10 dias. Note-se que pode ter uma duração menor, pois é susceptível de se realizar num único hospedeiro.

Terminado o seu desenvolvimento, a larva penetra na terra a uma profundidade de alguns centímetros (1 a 7 cm), passando à fase de pupa. O estado adulto é atingido em cerca de 7 a 12 dias (Boiko, 1958), ou 16 a 20 dias (Giordanni, 1956) e ainda a seguir ao Inverno, em diapausa (1).

No que respeita à patogenicidade desta doença, as opiniões divergem. Boiko (1949, 1959) considerou esta parasitose como sendo uma peste na Rússia, tendo verificado que as colmeias de alguns apiários da Ucrânia tiveram baixas de 73-78 % nas suas abelhas, aparentemente devido a este parasita (1). Contudo, Simintzis e Fiasson (1951) verificaram que as colónias com um elevado grau de infestação não mostravam sinais de anormalidade (1). Giordanni (1956) refere que colónias com cerca de 80 % de abelhas parasitadas não mostravam sintomas clínicos e que as abelhas continuavam as suas actividades sem aparente dano; a espoliação de hemolinfa causada pela larva de «*Senotainia tricuspis*», quando esta permanece no tórax do hospedeiro vivo, não produziria efeitos deletérios, pelo menos durante um período de tempo determinado, que decorre normalmente entre a deposição das larvas e a morte, por causas naturais, das abelhas carreteiras (1).

A frequência dos casos positivos detectados em Portugal, desde 1982 (quando primeiramente foi diagnosticada a doença), é apresentada no Quadro I.

Apesar de o número de análises/ano ter vindo a aumentar, nota-se que a incidência de casos positivos foi maior nos últimos dois anos. Este dado é particularmente relevante se tivermos em conta que dos 46 casos positivos observados em 1986, 41 provinham da

QUADRO I

N.º de resultados positivos (S.t.) e negativos nas análises efectuadas

Ano	Pos. à «S.t.»	N.º análises	Neg. e prej.
1982	2	149	44
1983	6	222	78
1984	9	339	105
1985	20	344	130
1986	46	508	226

Z.I.S. de Portalegre, tendo sido registados no mês de Setembro.

Em muitos destes casos verificava-se uma mortalidade anormal, segundo informações prestadas pelos apicultores, que observavam com frequência o aparecimento de abelhas mortas em grande quantidade, assim como a presença de larvas, que viriam a ser identificadas como sendo de «*Senotainia tricuspis*».

A divergência de opiniões dos vários autores em relação à patogenicidade desta parasitose e a escassez de dados relativos à sua presença no nosso País, não nos permite de momento tirar conclusões sobre a sua verdadeira importância em Portugal.

No entanto, pelo facto de registarmos o aparecimento, pela primeira vez, de um foco (Z.I.S. de Portalegre) de Senotainiose com mortalidade anormal, pensamos ter interesse, de futuro, fazer um estudo mais detalhado acerca da evolução da doença e da possível necessidade de criar legislação para o seu controlo, medida esta já implementada em alguns países europeus (1).

AGRADECIMENTOS

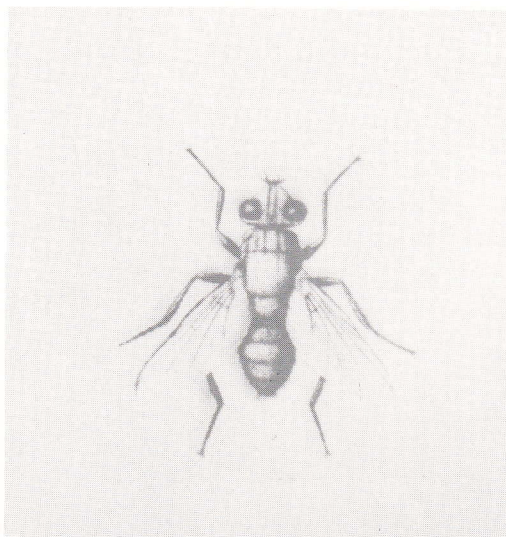
Agradece-se a Maria Armanda Dias a colaboração técnica prestada na execução deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

1. Honey Bee Pests, Predators and Diseases (1978) — Roger A. Morse Ed., Cornell University, London, 430 pp.
2. BORCHERT, B. (1970) — Les Maladies et Parasites des Abeilles. Vigot Frères Éditeurs, Paris. 486 p.



Um aspecto de uma abelha em que se observou a queda da cabeça, esvaziamento do conteúdo torácico e saída de uma larva de «*Senotainia tricuspis*» em adiantado estado de desenvolvimento (original)



«*Senotainia tricuspis*» no estado adulto. Ilustração tirada de (2).